

Negras Protagonistas: alguns impactos da colonialidade na produção de sentidos em telenovelas brasileiras¹

Pedro Henrique Conceição dos Santos²

Cristiane Cardoso Campos³

Ohana Boy Oliveira⁴

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Ibict

Universidade Federal Fluminense – UFF

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Resumo

Este trabalho analisa como a representatividade é posicionada diante dos efeitos da colonialidade em telenovelas da TV Globo. O objetivo principal é investigar os impactos da colonialidade na representatividade de mulheres negras em duas produções analisando duas personagens e suas marcas representacionais a partir do lugar das mulheres negras nessas narrativas. O problema de pesquisa aborda como essa representatividade é moldada pelos meios de reprodução midiática. Argumentamos que os estereótipos ainda presentes refletem a influência da colonialidade na construção de sentidos. Com base na roleta interseccional, busca-se evidenciar que o racismo estrutural na cultura brasileira continua a perpetuar imagens que limitam a diversidade das representatividades possíveis às mulheres negras na televisão.

Palavra-chave: representatividade; mulheres negras; colonialidade; TV Globo

Introdução

A representatividade é uma das principais reivindicações dos movimentos negros brasileiros, “o sentimento político-estético de se sentir representado” (Conceição dos Santos, 2023, p. 223). Pode ser encarada através de seu aspecto quantitativo, da necessidade da equidade e equiparação na diversidade de pessoas assumindo determinados lugares sociais. Mas existe sua faceta qualitativa, quando a representatividade está de acordo com aquelas pessoas que estão sendo representadas. A partir dessa ideia de representatividade, podemos pensar sobre como a comunicação pode ser atravessada por muitas questões quando olhamos sob o ponto de vista interseccional, em especial, neste artigo, tratando-se de mulheres negras.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF). Pesquisador bolsista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). E-mail: pedrohenrique.cdossantos@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação (PPGCOM/UFF). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa TeleVisões/UFF. Produtora cultural da UFRJ. E-mail: crcampos@id.uff.br.

⁴ Doutora em Comunicação (PPGCOM/UFF). Professora da Faculdade de Comunicação (Facom) da UFBA. E-mail: ohanaoliveira@ufba.br.

Diante da conjuntura do racismo estrutural (Oliveira, 2020), nos interessa investigar como raça, colonialidade e indústria cultural estão entrelaçadas gerando marcas representacionais (Campos, 2022). Ao levarmos em conta o contexto racial brasileiro, segundo dados do IBGE (2022), a população brasileira é majoritariamente formada por pessoas negras. Conforme reportagem de Moura (2023), questões como o reconhecimento racial da população brasileira pertencem ao escopo comunicacional, uma vez que a televisão assume um papel central na produção de sentidos das massas, formando subjetividades através de imagens que povoam os diversos imaginários.

As discussões teóricas sobre a representação das mulheres negras desenvolvidas a partir da crítica aos estereótipos das mulheres negras brasileiras (Gonzalez, 2020), empoderamento (Berth, 2018) e interseccionalidade (Collins e Bilge, 2021) nos oferecem uma perspectiva analítica da porção de realidade que meios de reprodução midiática, como a televisão, podem perpetuar o racismo estrutural. Ainda, foi através de contribuições como a de Araújo (2004) e Campos (2022) que é possível compreender a construção de regimes racializados de representação estereotipada, gerando concepções bem específicas sobre “ser uma mulher negra”.

A partir do debate sobre colonialidade (Quijano, 1992; Grosfoguel, 2008; Njeri, 2022), destacamos como a indústria cultural, através das telenovelas da TV Globo, reproduz características atreladas aos efeitos dos legados da estrutura colonial. Assim, investigamos os impactos da colonialidade na representatividade de mulheres negras nessas produções.

Para tanto, contextualizamos o debate entre colonialidade, indústria cultural e raça em uma perspectiva interdisciplinar. O artigo tangea as discussões sobre: a) Brisa (Lucy Alves), de *Travessia* (2022) e b) Sol (Sheron Menezes), de *Vai na Fé* (2023), analisando suas marcas representacionais e refletindo sobre o lugar das mulheres negras nessas narrativas. Assim, exemplificaremos as marcas representacionais de mulheres negras através de códigos que se fixam no imaginário dos telespectadores.

Desta forma, este artigo aborda como a representatividade é moldada pelos meios de reprodução midiática. Pensando a partir do capital de representatividade (Conceição dos Santos, 2023), podemos refletir sobre a estrutura de poder presente na comunicação e, principalmente, os estereótipos ainda presentes na influência da colonialidade sobre a construção de sentidos.

Indústria cultural, colonialidade e marcas representacionais das mulheres negras

As instâncias da colonialidade destacadas são aquelas apontados por Carla Akotirene (2019), ao falar sobre a hegemonia branca masculina que representa o cisheteropatriarcado branco e cristão, que estabelece formas de dominação em diferentes lugares da vida — seja no âmbito econômico, simbólico ou através de suas estruturas.

A indústria cultural, conforme indicam Adorno e Horkheimer (2017), — que vão considerar questões importantes como o processo de homogeneização cultural, além da transformação da cultura em mercadoria —, traz modelos que aparentam ser estanques e que tentam fixar significados sobre a realidade social, ainda que não consiga em sua totalidade. Nesse contexto, há um processo no qual grupos que detêm a estrutura comunicacional se hegemonizam e constroem sentidos que são perpetuados subalternizando as pessoas que estão fora dos lugares de poder.

Nessa perspectiva crítica, compreendemos que “o que importa não são os objetos culturais intrínseca ou historicamente determinados, mas o estado do jogo das relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta de classes na cultura ou em torno dela” (Hall, 2013, p. 241-242). No jogo da indústria cultural, o que importa é compreender como esse processo se dá nas disputas de e pelo poder. Dito de outra maneira, quem tem a possibilidade de reverberar vozes e pontos de vista, assumirá um lugar de controle.

A cultura é um campo de batalha permanente, assim como é observado por Hall (2013). Nesse sentido, a colonização dos imaginários dos dominados, tanto na produção de conhecimento quanto de cultura, precisa ser problematizada enquanto manutenção das estruturas de poder, porque a colonialidade continua sendo o modo mais geral de dominação do mundo atual, já que o colonialismo como ordem política explícita foi destruída (Quijano, 1992).

Entendendo a identidade negra como uma construção social, histórica, cultural e plural, Gomes (2005) nos atenta para a dimensão subjetiva, simbólica e política das relações raciais no país, lembrando o quanto são complexas, ambíguas e conflituosas. Segundo a intelectual, as identidades de pessoas negras, dentro da tensão histórica e cultural brasileira, não se dão apenas no âmbito individual e no interior dos corpos, mas, também, na relação com o olhar do outro.

Ampliando tal discussão, Bhabha (2013) traz contribuições sobre a construção de estereótipos. Para o teórico, trata-se de uma estratégia discursiva que traz uma forma de

conhecimento e identificação. Esse processo de ambivalência, ao manter determinada imagem “no lugar” e precisar de constante repetição, demonstra a força do estereótipo colonial, ao embasar suas estratégias de marginalização e produzir efeito de verdade.

Dialogando com o teórico, Adichie (2009) afirma que a história única — narrativa que se sobrepõe às demais, criando um efeito de verdade — cria estereótipos. São discursos incompletos, já que fazem com que uma visão se torne a única possível sobre determinado grupo. Ou seja, uma narrativa que se constitui como normatizadora, causando redução de pontos de vista e, consequentemente, de diversidade.

Gonzalez (2020) traz contribuições para refletir sobre questões que atravessam as mulheres negras brasileiras, problematizando noções pertencentes do senso comum da vida cotidiana no país através das figuras da mulata, da doméstica e da mãe preta. Seu texto possui um tom de denúncia contra a violência simbólica embutida em tais estereótipos, dando ênfase também no debate de gênero. A mulata é a figura da mulher negra que é vista como objeto sexualizado e é utilizada como o corpo que denuncia o mito da democracia racial (Gonzalez, 2020). Considerando o racismo como sintoma da neurose cultural brasileira, aponta ainda para a divisão racial dos espaços, que aparece também na divisão racial e sexual do trabalho.

Aspectos relevantes de representação das mulheres negras nas telenovelas

O tema da produção de personagens negros estereotipados pela ficção da TV Globo já proporcionou inúmeras pesquisas acadêmicas e críticas à emissora. Ainda assim, o tema não se esgotou. No entanto, houve dificuldade de encontrarmos uma abordagem que pudesse se limitar aos padrões de análise de estereótipos, em boa parte, restritos a estudos de representação estadunidense (Araújo, 2004; Hall, 2006; hooks, 2019).

Mesmo considerando algumas semelhanças históricas entre o Brasil e os Estados Unidos no que se refere ao sistema de escravidão, diversidade cultural e ao consequente subjugo de pessoas negras, os conceitos de estereótipos tradicionalmente usados nos estudos de representação da negritude daquele país não são satisfatoriamente suficientes para a análise da teledramaturgia brasileira. Os códigos relacionados às representações da mulher negra vão um pouco além das definições de *Mommy* ou *Jezebel*, e, aqui, possuem especificidades que só podem ser compreendidas através das interseccionalidades (Akotirene, 2019) que perpassam os indivíduos e, também, suas opressões.

Assim, procuramos não ignorar a utilidade tais definições, ao apresentar algumas características abasileiradas da produção de estereótipos negros. Através de códigos e marcas representacionais (Campos, 2022) utilizados na teledramaturgia da TV Globo, instituindo um modo de ser negro e estar na televisão, marcado especialmente por códigos de representação que interligam a questão racial negra a outros sistemas de opressão.

A telenovela brasileira liderando nossa produção cultural popular “de massa”, tanto interna quanto externamente, sendo um dos principais produtos culturais propagadores de estereótipos do país, reflete pontos de vista e define estereótipos por meio de olhares de alteridade de sua elite criativa. Estereótipos circulam na indústria cultural como se não fossem resultados de uma estrutura social discriminatória, que além de decorrente de um ambiente criativo pouco diversificado, elitizado e branco acrítico podem “ter prejudicado os processos de afirmação de autoestima da população negra neste campo de batalha simbólico, que se trava cotidianamente em nosso mais importante meio de comunicação de massa, a televisão” (Araújo, 2004, p. 21).

Apesar do baixíssimo percentual de personagens ou atrizes negras protagonizando suas produções, parece haver um lugar de atuação marcado para as profissionais negras na TV Globo — o que reforça todo protagonismo negro na emissora ainda como exceções à regra. Desde as suas primeiras produções teledramatúrgicas, a emissora utilizou alguns códigos que acabam definindo, no imaginário da audiência, alguns estereótipos negativos e, até mesmo, fortalecendo alguns “preconceitos” presentes em nossa sociedade.

Devemos reforçar que o racismo é uma estratégia de manutenção do poder que vem fazendo parte da estrutura de nossa sociedade desde o atracamento dos primeiros navios tumbeiros no Brasil. A produção discursiva acerca da mulher negra é uma das bases de sustentação da estrutura de diferenciação racial e social experienciada em nosso país. Os discursos midiáticos massificados funcionam, também, como discursos de dominação (Hall, 2013, 2016).

Partindo dessas premissas, observemos que as mulheres negras foram representadas pela TV Globo em suas telenovelas em sua maioria como empregadas domésticas e mulheres em situação de escravização, segundo Araújo (2004). Há tipos de representação de personagens, de corporeidades e traços de construção de personagem que se repetem década após década. Tais informações chamaremos aqui de marcas representacionais de raça que, além dos estereótipos tradicionalmente estudados no audiovisual, também incluem códigos e signos propagados pelas produções audiovisuais

da emissora. Desde 1972, em quase todos os anos seguintes, havia pelo menos uma personagem negra como doméstica ou escravizada nas telenovelas da emissora.

Há poucas representações em que a personagem tem algum empoderamento no sentido ativo do termo (Berth, 2019). Essas raras personagens empoderadas estão muito concentradas, ao longo dessa trajetória, em obras específicas e não representam um contraponto significativo à constância de representações problemáticas que permanecem na contemporaneidade, apesar de algumas mudanças recentes.

Algumas marcas representacionais de negritude nas telenovelas da TV Globo

Apesar das esporádicas aparições de personagens negros e negras no protagonismo da produção teledramatúrgica da TV Globo, vale ressaltar que a presença de atrizes, atores e coadjuvantes negros é ligeiramente mais constante, apesar de também ser muito pequena (Campos, 2022). Quando pensamos na produção de telenovelas da TV Globo, as mulheres negras têm lugares definidos pelos seus criativos (autores, escritores, diretores e roteiristas) há décadas. Esse lugar é, na maioria das vezes, uma zona de subalternidade e submissão. A construção rasa e “descuidada” dessas personagens pelos criativos cria marcas de representação que fomentam racismo e reforçam estereótipos.

Assim, além das especificidades biológicas como a cor da pele, podemos questionar quais outras marcas representacionais de raça foram construídas através de teledramaturgia da emissora? Para responder, utilizamos como metodologia a apresentação de alguns códigos e signos a partir de duas das categorizações propostas pela roleta interseccional (Carrera, 2021) para refletir como determinados códigos tornaram-se tão associados à negritude e, em especial, à mulher negra na teledramaturgia.

Na teledramaturgia brasileira, instituiu-se uma falsa sinonímia entre mulher negra, escravizada e empregada doméstica. Décadas atrás, grandes atrizes negras do teatro e do cinema, quando convidadas para telenovelas, já expressavam seu descontentamento. Ruth de Souza, por exemplo, afirmou que “os autores veem o negro como serviçal [...] as histórias se desenvolvem em cima de personagens brancos, e o negro não tem vez” (Araújo, 2004, p. 90).

Mesmo quando protagonistas, as mulheres negras representam personagens fortemente ligadas às classes mais pobres e relacionadas aos trabalhos subalternizados. Mulheres negras ou são invisibilizadas ou são parte dos núcleos em situação de maior vulnerabilidade social. As marcas de representação de raça nas telenovelas ainda não

modaram significativamente, ainda que os exemplos analisados pudessem apresentar uma ampliação deste escopo. Mulheres negras continuam sendo representadas como escravizadas, empregadas domésticas, entre outras atividades subalternizadas na Globo.

Na novela *Travessia* (2022/2023), exibida em horário nobre, a personagem Brisa (Lucy Alves) é uma mulher negra que cresceu no interior do Maranhão, sem família e tem um filho com seu amor de infância. Trabalhadora e sem estudos, Brisa também é dançarina nas rodas de Tambor de Crioula e em um grupo de Bumba Meu Boi. No decorrer da trama, ela é presa injustamente e, agora ex-presidiária, se estabelece na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Nesta sua nova fase da vida, ela consegue um trabalho fixo como auxiliar de limpeza em um salão de cabeleireiro.

Já *Vai na Fé* (2023) conta a história de vida de Sol, uma mulher negra do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Casada e evangélica, mora com sua mãe, o marido e duas filhas. A protagonista trabalha como ambulante vendendo marmitas no centro da cidade e com a morte de seu marido, sua família passa por mais dificuldades financeiras. Neste contexto, Sol reencontra um amigo de adolescência, que a convida a voltar aos palcos como dançarina e *backing vocal* de um famoso cantor popular. Apesar de sua família não apoiar a decisão, a situação financeira deles a obriga a aceitar a proposta.

Apesar do fato da emissora, nos últimos anos, ter mais protagonistas negras no ar, inclusive simultaneamente, indicando uma suposta mudança imagética, a forma de representá-las ainda se mostra bastante conservadora de estigmas. Analisando as personagens com base em apenas duas das categorias da roleta interseccional (Carrera, 2021), inspirados na análise de conteúdo de Bardin (1977), optou-se pelas categorias *ocupação profissional/trabalho* e *espaço geográfico* principal da personagem como categorias analíticas. Destacando as principais informações sobre as personagens Brisa e Sol, percebemos que, apesar de protagonistas, diferem-se pouco entre si e entre as personagens negras que foram historicamente representadas na TV Globo. Ambas as personagens têm ocupações profissionais subalternizadas ou informais. Além disso, é interessante perceber que Brisa e Sol tem a arte e a cultura popular também como fontes insuficientes de renda e que as colocam como coadjuvantes nos palcos da ficção.

Brisa dança em grupos de cultura popular de Tambor de Crioula e Boi Bumbá nos quais o coletivo é exaltado e não o indivíduo. Sol é dançarina e *backing vocal* de um cantor popular da cultura de massa e, portanto, está em segundo plano no palco da novela, mesmo sendo protagonista. Nenhuma das personagens têm estudos formais. A

protagonista de *Travessia* (2022) afirma em diversos momentos que deixou de estudar para trabalhar, criar seu filho e apoiar os estudos de seu amor da juventude. A heroína de *Vai na Fé* (2023) deixa subentendido que na juventude gostava mais de se divertir nos bailes funk do que de estudar e, logo que constituiu uma família, suas obrigações passaram a ser com o seu sustento.

Outras semelhanças aproximam as personagens com marcas representacionais. Brisa e Sol são moradoras da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro: a área com mais manifestações da cultura negra como escolas de samba, bailes funk, bailes charme e rodas de samba e pagode. A região também é considerada bem servida de infraestrutura e redes de transporte, mas, devido a insuficiência de políticas habitacionais na região, possui número significativo de favelas. Elas não moram em comunidades, mas, vale destacar, são moradoras de bairros populares, transitando pelo resto da cidade. Neste sentido, o espaço geográfico ocupado por personagens negras nas telenovelas também pode ser analisado como marca de representação racial.

Considerações Finais

Por tratar-se de um artigo, aspectos importantes como marcas representacionais relacionadas ao corpo ou à faixa etária das personagens, por exemplo, não foram analisadas. Será preciso que novos estudos se dediquem a estes aspectos. Ainda assim, este artigo pretende contribuir para o aprofundamento do debate racial no Brasil contemporâneo indicando caminhos possíveis e reflexões necessárias para mudanças na produção de uma teledramaturgia racialmente mais diversa e, de fato, antirracista, não só com relação à TV Globo, como no que diz respeito à produção audiovisual brasileira, de maneira geral.

A subalternidade e o racismo vêm sendo comunicados por este tipo de obras há décadas. E, ao mesmo tempo, vem sendo denunciado por artistas, audiências e a própria academia com a mesma frequência. As marcas representacionais e suas nuances relacionadas às mulheres negras, mesmo quando assumem o protagonismo, continuam fortalecendo o imaginário de subalternidade. De fato, são mensagens racistas transmitidas de forma sutil através dos estereótipos negativos das personagens, mas também de forma pressuposta quando há a presença de mulheres negras.

Contudo não podemos ignorar que as produções teledramatúrgicas da TV Globo deram alguns passos em direção a mais diversidade acerca da produção imagética da

mulher negra. Mesmo que pouco significativos para um país que há mais de 137 anos tenta se desvencilhar das amarras ideológicas da escravidão e do colonialismo presentes nas senzalas e casas grandes, ainda reproduzidas nas colonialidades presentes nas cozinhas, nos subúrbios e nas favelas da ficção.

Portanto, concordamos que “a indústria cultural se potencializa quando pluriversaliza as experiências criativas de suas produções e, utilizando a pedagogia da arte, partilha semióticas que podem ser limitantes ou libertadoras” (Njeri, 2022, p. 82). Seguimos atentos para celebrar as pequenas conquistas de novas representatividades, mas sem cair nas armadilhas e limitações das representações que não estejam alinhadas ao combate efetivo das opressões de gênero, raça e classe de maneira interseccional e inegociável.

Referências

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **A indústria cultural** – o Iluminismo como mistificação das massas. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.
- ARAÚJO, J. Z. A. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CAMPOS, C. C. **A gente se vê mesmo por aqui?** Representação de mulheres negras e estratégias de desvalorização de atos racistas na TV Globo. (Tese de Doutorado) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.
- CARRERA, F. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 24, p. 1-22, 2021.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2021.
- CONCEIÇÃO DOS SANTOS, P. H. **O mito da publicidade antirracista ou sobre o capital de representatividade**: por outra ética publicitária. Tese (Doutorado em Mídia e Cotidiano) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: SECAD/MED. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 39-62.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2020.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 115-147, 2008.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *In*: THOMPSON, K. (ed.). **Media and cultural regulation**. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

hooks, b. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

IBGE. **Censo demográfico 2022**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MOURA, B. F. Maior presença de negros no país reflete reconhecimento racial. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 24 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/maior-presenca-de-negros-no-pais-reflete-reconhecimento-racial>. Acesso em: 24 fev. 2025.

NJERI, A. Reflexões artístico-filosóficas sobre a indústria cultural. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 32, p. 77-83, 2022.

OLIVEIRA, D. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

OLIVEIRA, O. B. **Aspectos da colonialidade do saber, do poder e do ser** – uma análise das performances de Regina Casé em sua trajetória televisiva. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

QUIJANO, A. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. **Perú Indígena**, Lima, v. 13, n. 29, 1992.

SANTOS, V. C.; LIMA, D. S. Representação do negro das telenovelas da Rede Globo. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E GEOTECNOLOGIAS, 1., 2017, Salvador. **Anais (...)**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2017. p. 65-66.